



Desvarios

*"A ti podría decirte
que si un día te sientes perdida
dentro de ti misma,
daré con la solución a tu laberinto
abriéndome el pecho
y poniéndote delante,
justo en ese lugar donde hablo tanto de ti
que no te costará esfuerzo reconocerte."*

Baluartes, Elvira Sastre.

A obra é um conjunto de poemas escrito de forma despretensiosa em mais um ilustre verão calorosamente brasileiro. Em meio a tanta desilusão política, econômica e social com muitas reviravoltas históricas, os poemas retratam e expõem de uma maneira crua as infelicidades e perspectivas da juventude em momentos cruciais. Um pouco romântico, um tanto medíocre e com doses inconsequentes.

Leandra, thalita.

Umbigo

*tampouco importa
suas dores é um gosto amargo das quais já não sinto
mais
tampouco importa
a importância que nunca me destes
tampouco importa
os olhares não refletidos
tampouco importa
o desdém em outra outrora
tampouco importa o contar das horas
tampouco importa a benevolência da órfã
tampouco importo
me importo
mim.*

XY

Escorrendo pela fechadura da porta,
você partiu ao amanhecer
Feito uma bolha estourada, um gole seco
nos despedimos como estranhos
Com meu vinho barato e as cinzas das lembrança
Faço a mesa, esmago as migalhas,
tínhamos que bater no muro
Não há razão na tua insensatez
Perco-me novamente nessa banalidade eventual
Mais uma aposta, por quê não?
Jogue seus dados, refaça o jogo
O rouxinol ainda continua cantando,
prazer não é sinônimo de emoção
Amor rotaciona uma perspectiva falsamente verdadeira
O sol se põe e leva embora o meu reluz favorito da tarde
Ejaculando mais um tolo sorriso xy
Entrelaço-me
Dissimulo
Mastigo e cuspo
Gradativamente seu vil'.

Nunca mais

I

Em nuances vitais, infesto, decerto
tic toc tic toc tic toc

Exclama, reclama, a madrugada te chama

A ríspida secura que corrói a boca
falta-me saliva

Isto apenas - nada mais.

A retelha obscura, perfura, reflete sinais

Impregnando-me a cada fissura de calor

Esbarro nas tuas suplicas de pudor

Aniquilo-me, sem temor

Constantemente no teu desamor

Isto apenas - nada mais

Nunca mais

II

Nos meus delírios de cabeceira
Enferma, ligeira
Afogo-me em teus versos nada desconexos
Percorrendo as entrelinhas em ar figurante
A neblina parece cada vez mais distante
Isto apenas - nada mais
Ao expor a tua aurora, por hora
Corrompo as sombras, refaço
Desconcerto-me, disfarço
Sorriso, só isto, só, nada mais.

Suspiro ...

Encontra-me que eu gosto da teu efervescer.

Do teu jeito impetuoso de vir encontro a mim.

Do teu penetrante olhar cor esmeralda. Entorpece-me que eu gosto da tua loucura.

Do sabor dos teus lábios a cada mordida.

Do teu jeito sem jeito de marcar meu corpo.

Interrompe-me e rouba minha respiração.

Aperta-me que eu gosto do teu afago.

Da tua respiração em sincronia com a minha.

*Teu coração acelerado ao meu
numa conexão contínua.*

Beija-me, beija-me muito.

Que o gosto do teu beijo tem gosto de amor.

Répondre

I

*E foi aí que viram a diferença entre o que parece ser E
a distância quilométrica*

Para o que realmente é

Pinga e escorre sobre a pele em tons ásperos

Gradativamente, em gotas sincronizadas

Pela janela do quarto, exausto, a retelha relumbra

*Toda a intensidade da luz de janeiro, primeiro, com
cheiro de remorso*

Na primeira batida, olhos abertos, a mente reluta

Vira-se à esquerda, o mundo de sofia

Vira-se à direita, votre quotidien

O céu continua azul, as ondas serenas

Em seu singular vai e vem

*E o contraste entre a superfície e a profundidade se
mantém*

Répondre

II

*Cartas virtuais entrelaçam-se ao piscar dos olhos
Cada palavra, mais um dígito, perde-se o toque rends-
moi, rends-moi, rends-moi
Na segunda batida, vinte e duas horas, a mente reluta
Veste-se a cena, abre-se a cortina
Silêncio no teatro, gargalhadas na coxia Caladamente
cai, a madrugada te atrai
Expõe teu modo, se mostra, para quem
qui est-elle, qui est-elle, qui est-elle
Na terceira batida, descrevo teu muro, a mente reluta
Acaba a cena, a lua se põe, abre-se o sol
Havia chegado, por fim, a hora da estrela.*

Brasil

*Em meus anseios de verão eloquentes e envolventes
nessa constante desidratação áspera subversiva e
gradativa me expõe, me exorciza
tritura-me ao calar-se-á
conjugas o teu verbo à um verso
disserto
cuspo em teu vil
escracho teu modo, liberto teus pudores
em dores
embasando teu cio fissura em repulsa decompondo
tua retaliação crua
recato-me
fúnebre em pedaços.*

Lolita

I

Você

Interrompe-me ao mero sinal de ingenuidade

Olhos quase fechados, tento alcançar

De longe, a coleira do teu olhar

Você

Transforma-me em fantoche de seus versos

Singelos, internos, conversos

Inflama-me a imaginação, desdenha em vão

Você

De curvas ligeiramente graciosas

Derramando-se em linhas vis constantes

Por um instante fascinante

Lolita

II

Você

Que deslumbra solidão
Em meio ao barulho da multidão
Recolhe-se em seu pedestal
Indiferente, inconsequente

Você

Uma utopia estimulante
Em degraus insinuantes

Você

Que não há o que dizer
Agora está feito

Você

se foi e foi tão fácil.

Thalita Leandra